



A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [eI9]:
UM FENÔMENO NEOGRAMÁTICO OU DE DIFUSÃO LEXICAL?
(THE MONOTHONGIZATION OF THE DIPHTHONG {ei}
A NEOGRAMMARIAN PHENOMENUM OR A LEXICAL DIFFUSION?)

Maria Francisca Ribeiro de ARAÚJO (UNESP-Araraquara/CEUV)

ABSTRACT: *We discuss the [eI9]/[ε] alternation in the dialect spoken in Caxias (Brazil), under the Variation Theory (cf. Labov, 1994). Our results show that the subject is controversial, the groups of factors present evidences as in favour of the Neogrammarian interpretation, as they also confirm the Lexical Diffusion hypothesis.*

KEY WORDS: *Lexical Diffusion; Monophthongization; Neogrammarian Theory.*

1. Introdução

A monotongação dos ditongos decrescentes já tem sido amplamente discutida nas mais distintas variedades do português brasileiro, do ponto de vista da variação (Meneghini, 1983, Paiva, 1996; Cabreira, 1996; Araújo, 1999 etc.), e na perspectiva fonético-fonológica (Bisol, 1994 entre outros). Entretanto, ainda o fenômeno não foi satisfatoriamente explicado.

Trouxemos para este estudo os resultados estatísticos, obtidos segundo a metodologia laboviana (1994), da realização/não-realização do ditongo [eI9] na fala de 24 informantes da cidade de Caxias (MA). O nosso objetivo é tentar responder às seguintes indagações: i) que fatores, lingüísticos e extralingüísticos, se correlacionam com a aplicação da regra de monotongação no dialeto caxiense? e ii) como o fenômeno vem se implementando: via difusão lexical ou de modo regular, no espírito neogramático?

2. Fundamentação teórica

A discussão estabelecida na literatura entre Neogramáticos (NG) e Difusionistas (DL) gira em torno de princípios, ou seja, os Neogramáticos assumem que a mudança sonora é *foneticamente gradual*, mas *lexicalmente abrupta*, procedendo através de etapas imperceptíveis e afetando simultaneamente todos os itens lexicais relevantes. Por outro lado, para os Difusionistas, a mudança sonora é *foneticamente abrupta*, mas *lexicalmente gradual*, no sentido de que avança através de alterações perceptíveis e não atinge todas as palavras relevantes ao mesmo tempo. Para os primeiros, a unidade básica de mudança é o **som** (o segmento); para os últimos, é a



palavra na medida em que ela pode determinar sua própria história, independentemente de fatores fonético-fonológicos no sistema.

Para Labov (1981, 1994), a monotongação é prevista por regras Neogramáticas. Trata-se de uma mudança controlada pelo efeito fonético. Ela opera no segmento da palavra, afetando todos os itens de uma classe relevante. Contrariamente à posição de Labov, Oliveira (1991, 1992, 1995) defende a idéia de que todas as mudanças sonoras se implementam via difusão lexical. O efeito lexical é o controlador principal da mudança. A mudança acontece na palavra e não no segmento (ou parte dela) (1992: 34), podendo existir exceções à regra uma vez que a mudança não afeta todas as palavras ao mesmo tempo.

A partir dos dados do dialeto de Caxias, tentamos ver a possibilidade de aplicação dos modelos difusionista e/ou neogramático.

3. Análise de dados

Os resultados da análise estatística, realizada por meio do programa VARBRUL, foram importantes para avaliar as questões acima levantadas. Apresentaremos a seguir apenas os resultados para as variáveis relevantes.

3.1. Os grupos de fatores relevantes

As variáveis relevantes segundo a ordem de importância foram: (1) o segmento seguinte, (2) a velocidade de fala, (3) a escolaridade, (4) a tonicidade da sílaba e (5) a idade dos informantes.

3.1.1. Segmento seguinte

Tabela 1: A monotongação do ditongo [eI9]: efeito do segmento seguinte

SEGMENTO SEGUINTE	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
[P]: feira	479/541	89%	.85
[a]: meia	34/48	71%	.61
[g]: manteiga	10/17	59%	.47
[Σ]: eixo	62/105	59%	.46
[Z]: feijão	23/59	39%	.18
[n]: treino	7/31	35%	.12
Total	615/801	77%	

Input .87 Significance .007

A tabela 1 mostra que dois segmentos, a saber: [P] (.85) e [a] (.61), se correlacionam positivamente com a aplicação da regra de monotongação, enquanto dois outros, a saber: [Z] (.18) e [n] (.12), se correlacionam negativamente. Os demais segmentos ocupam posição intermediária: [g] (.47) e [Σ] (.46). É curioso observar ainda



que o segmento [P] é o que concentra o maior número de ocorrências (479/541) do ditongo; mais da metade de todas as ocorrências do *corpus*. Segundo Veado (1983: 214), “*poderemos (...) suspeitar que o fenômeno da simplificação do [ɛI9] tenha se originado diante do segmento /P/*” e não diante de [Σ] e [Z], como citado por Lemle (1978: 69). Vale mencionar também que diante de [g] a única palavra envolvida foi *manteiga*. Conforme Paiva (1996: 226), “*é fácil verificar que em outras palavras com o mesmo contexto (...) a supressão é bloqueada como em (...) meigo*”. O mesmo podemos dizer com respeito ao contexto [n], a única palavra envolvida foi *treino*. Outras palavras, tipo *reino*, *pimenta-do-reino*, não são afetadas pela regra. Esta distribuição é um indício de implementação via difusão.

Em algumas palavras a regra de monotongação se aplica, p. ex., em *eixo*, *treino* e *manteiga* (antes de [Σ], [n] e [g], respectivamente) e em outras o fenômeno nunca ocorre, p. ex., em *Seixas*¹, *reino* e *meigo* (também antes de [♣], [n] e [g], respectivamente). Face a estes resultados, podemos indagar se está mudando: a palavra ou o som. A distribuição dos dados apresentada acima parece constituir um indício de que a palavra é o alvo da mudança. Reiterando, embora o contexto seja o mesmo, a regra não se aplica uniformemente.

Estes resultados corroboram os de Oliveira (1991: 104) para quem o comportamento irregular das palavras constitui um indício de que a regra estaria se implementando pelo modelo de Difusão Lexical, e não pelo modelo Neogramático, como propõe Labov (1981, 1994).

A comparação dos nossos resultados com os de Paiva (1996) e com os de Cabreira (1996), mostra-nos que a regra sofre diferenciação dialetal. Enquanto que, para o dialeto caxiense, o contexto vocálico [a] é altamente positivo (.61) para a aplicação da regra, o mesmo não ocorre para o dialeto do Rio (.10) – analisado por Paiva (op. cit., p. 225) – nem para os dialetos de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre que exibiram 0% de aplicação, conforme observa Cabreira (op. cit., p. 45). Se o condicionamento fônico fosse realmente forte, então seria esperado que todos os dialetos exibissem um comportamento igual, ou pelo menos aproximado. Isso seria um caso de Difusão.

3.1.2. Velocidade de fala

Tabela 2: A monotongação do ditongo [ɛI9]: efeito da velocidade de fala

FATORES	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
Rápida	242/258	94%	.80
Moderada	344/454	76%	.42
Lenta	29/89	33%	.07
TOTAL	615/801	77%	

Input .87 Significance .007

¹ Cf. Segundo Oliveira (1991: 104), os nomes próprios são mais resistentes a implementação de uma mudança sonora.



À medida que aumenta a velocidade de fala aumenta a aplicação da regra. Esses resultados confirmam o que já é sobejamente comprovado na literatura (cf. Abaurre, 1979; Moraes & Leite, 1993): segmentos fônicos são mais facilmente perdidos numa aceleração maior da fala. Segundo Abaurre (op. cit.), este fato é puramente fonético e tem muito a ver com a diminuição das diferenças articulatórias de produção dos sons. Neste sentido e, ao mesmo tempo, contrariando o que é demonstrado pelo *contexto seguinte*, acima analisado, esta variável mostra evidência de condicionamento neogramático, já que não é possível identificar qualquer explicação de natureza difusionista para este fato.

3.1.3. Escolaridade

Tabela 3: A monotongação do ditongo [eI9]: efeito da escolaridade

FATORES	FREQÜÊNCIA		PESO RELATIVO
Não escolarizados	357/428	83%	.63
Escolarizados	258/373	69%	.35
TOTAL	615/801	77%	

Input .87

Significance .007

Os indivíduos escolarizados (.35) aplicam menos a regra de monotongação do que os falantes não escolarizados (.63).

A relevância desta variável demonstra que a regra de monotongação no dialeto em foco possui *diferenciação diastrática*; mostrando, portanto, a ação inibidora da escola em relação à implementação do fenômeno. Ao que parece, o contato com a norma padrão e com a escrita, proporcionado pela escola, faz com que os falantes modifiquem o seu comportamento lingüístico e passem a usar menos a forma monotongada. Para Labov (1994: 542), ao diferenciar mudanças NG e DL, esse grau de consciência social constitui indício de implementação via difusão lexical.

1.1.4. Tonicidade da sílaba

Tabela 4: A monotongação do ditongo [eI9]: efeito da tonicidade da sílaba

FATORES	FREQÜÊNCIA		PESO RELATIVO
Sílaba tônica. Ex.: beijo	524/631	83%	.71
Sílaba átona. Ex.: beijinho	91/170	54%	.20
Total	615/801	77%	

Input .87

Significance .007

Nesses resultados, chamou-nos atenção o fato de as sílabas tônicas (.71) propiciarem mais a perda da semivogal do que as átonas (.20). Existem vários trabalhos realizados em Fonética Experimental que demonstram que a *duração* é o correlato físico mais importante do acento do português do Brasil (Fernandes, 1976; Massini-Cagliari, 1992; etc.). Ou seja, as sílabas tônicas são produzidas com uma duração maior do que as



sílabas átonas. Conseqüentemente, seria de se esperar que a perda de segmentos fosse mais comum em sílabas átonas, por serem produzidas com menor duração. Porém, é justamente o contrário o que os pesos relativos revelam para a monotongação do ditongo [ɛI9].

A variável *tonicidade da sílaba* também foi relevante para a aplicação da regra de monotongação do ditongo [ɛI9] no dialeto de Ibiacá (RS) (Meneghini, 1983), embora no sentido de as sílabas átonas propiciarem mais a ocorrência de monotongos do que as tônicas. Já para os dialetos de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (Cabreira, 1996), bem como para o dialeto carioca (Paiva, 1996), tal variável não revelou qualquer interferência na redução do ditongo em pauta.

O grupo de fatores *tonicidade da sílaba* parece nos mostrar o condicionamento fonético, gradual da mudança sonora, no espírito da proposta Neogramática: de um lado, as sílabas tônicas propiciam a aplicação da regra; de outro, as átonas bloqueiam a ocorrência do monotongos. Esses resultados vêm corroborar a hipótese de Labov, já que não é observada nenhuma evidência de condicionamento lexical. Mas é notória a diferença dialetal, comentada no parágrafo acima. Neste sentido, tudo indica que o fenômeno também se implementa via difusão lexical, afetando gradualmente dialeto-por-dialeto.

3.1.5. Idade

A *idade dos informantes* foi a última variável selecionada pelo programa como relevante para a interpretação da monotongação de ditongo [ɛI9]. Os resultados são:

Tabela 5: A monotongação do ditongo [ɛI9]: efeito da faixa etária

FATORES	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
2ª Faixa etária (mais de 50 anos)	306/353 87%	.58
1ª Faixa etária (15/25 anos)	309/448 69%	.42
Total	615/801 77%	

Input .87

Significance .007

Os mais velhos (.58) aplicam mais a regra do que os mais jovens (.42). É provável, porém, que esses números se expliquem em função do grau de escolaridade.

4. Conclusão

A partir das considerações feitas até agora, é possível afirmar que a aplicação da regra de monotongação do ditongo [ɛI9] no dialeto caxiense é sensível tanto a fatores lingüísticos, tais como: a *natureza do elemento seguinte ao ditongo [ɛI9]* ([P], [C], [ɔ], [a], [g] e [n]), a *velocidade de fala* e a *tonicidade da sílaba*, quanto a fatores extralingüísticos: a *escolaridade* e a *idade dos informantes*. A perda da semivogal do ditongo [ɛI9] constitui um índice de diferenciação diastrática e diatópica, uma vez que



os falantes escolarizados se distinguem dos analfabetos, assim como os diferentes dialetos.

Concluímos também que o fenômeno em estudo, quanto à sua implementação, apresenta evidências a favor da interpretação Neogramática, na medida em que atestam a pertinência de fatores fonéticos; e, por outro lado, evidências que confirmam as propostas feitas na literatura sobre Difusão Lexical, ao mostrar a relevância de certos fatores lexicais. Constatamos, portanto, que estamos lidado com uma situação de ponderação de fatores, não sendo possível decidir por um modelo ou outro. Os resultados mostram uma inter-relação entre eles.

RESUMO: *Discutimos a alternância de [ɛI9]/[e] no dialeto caxiense, sob a perspectiva da Teoria da Variação (cf. Labov, 1994). Nossos resultados mostram que o assunto é controverso, ora os grupos de fatores apresentam evidências a favor da interpretação Neogramática, ora confirmam as propostas de Difusão Lexical.*

PALAVRAS-CHAVE: *Difusão Lexical; Monotongação; Teoria Neogramática.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. *Phonostylistic aspects of a brazilian portuguese dialect: implications for syllable structure constraints*. Doctoral dissertation, Buffalo: University of New York, 1979.
- ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. *A alternância de [e⁹] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA*. Dissertação de mestrado. UNICAMP: Campinas, 1999.
- BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.* vol. 10, nº especial, pp. 123-140, 1994
- CABREIRA, Sílvio Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1996.
- FERNANDES, Norma. *Contribuições para uma análise instrumental da acentuação e da intonação do português*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1976.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, Journal of the linguistic society of america, vol. 57, nº 2, pp. 267-308, june, 1981.
- LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Linguística e ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 53/54:60-94, abr/set., 1978.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MENEGHINI, F. *O fenômeno da monotongação em Ibiãça, Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1983.
- OLIVEIRA, M. A. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte: ano 4, v. 1, pp. 75-92, jan./jun., 1995.
- _____. Aspectos da difusão lexical. *Revista de estudos da linguagem*, ano 1, v. 1, pp. 31-41, jul./dez., 1992.



- _____. The neogrammarian controversy revisited. *International journal of the sociology of language*. Berlin: v. 98, pp. 93-105, 1991.
- PAIVA, Maria da Conceição A. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SHERRE, Maria M. P. et al. (Org.) *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. pp. 218-236.
- VEADO, Maria A. Redução de ditongo - uma variável sociolingüística. *Ensaio de lingüística*, Belo Horizonte (MG), ano V, n. 9, pp. 209-229, dez., 1983.